

O que é poder?



Vamos falar sobre um tema emocional e às vezes tabu. De acordo com a Sociologia da Lusofonia, definimos o governo como a minoria mais ativa do grupo da população adulta, propensa à violência. A essência do poder é o monopólio das armas, caso contrário, homens agressivos criam diferentes grupos militantes e uma guerra civil se inicia. Um forte monopólio das armas reduz a quantidade de agressão, permite não só restaurar, mas também manter a ordem. Daí a hipótese:

A falta de monopólio das armas sustenta a guerra civil.

Um monopólio instável das armas provoca o crime.

Um forte monopólio das armas leva ao desenvolvimento da economia.

Sem um monopólio forte e claro que pune severamente o crime, não será possível desenvolver a economia: vai crescer até o nível regional e parar (em vez de estradas seguras, Taxas e impostos, haverá crime com exigências financeiras instáveis). Dialética: as relações agressivas nutrem o agressor principal, que interrompe a agressão para criar condições de crescimento econômico. O poder é assim: contraditório e dialético, como todos os processos em nossas vidas.

Pode-se começar a entender o poder a partir de duas direções: do ponto de vista de seu poder e do ponto de vista do sofrimento que ele traz no processo. Ambas as direções levam a um ponto médio, que contém o entendimento de que o poder não pode ser evitado, porque sempre há alguém responsável pela segurança. Aquele que melhor se responsabiliza pela segurança dos seus gradualmente subordina os outros.

É difícil reconhecer a incoerência e a necessidade do poder. Portanto, é relevante a propaganda que apresenta o poder como algo ideal ou absolutamente terrível, o que bloqueia a abordagem científica da descrição do poder. Agora é conveniente que os filósofos olhem para o poder de um ponto de vista humanista.



A prática sugere que qualquer governo é uma ditadura: mesmo a democracia branda é baseada na ditadura da maioria em vez do consenso. Ao mesmo tempo, cada vez mais evidências da realidade sugerem que a ditadura da maioria não funciona, porque o poder está sempre e em toda parte concentrado na minoria. É importante reconhecer que a maioria das pessoas não se interessa por política: elas resolvem ativamente problemas pessoais (domésticos e sexuais). Continuamos a evitar extremos.: A sociologia da Lusofonia calmamente trata o poder de uma minoria agressiva, preocupante para si com o teste da seguinte hipótese:

Pessoas experientes no Grupo Adulto devem ter o poder.

O chefe de Estado deve ser uma pessoa com experiência em combate.

O chefe de Estado deve observar o triângulo do poder.

O significado do triângulo de poder é que a política externa e interna deve corresponder à ideologia. A regra é simples, mas na prática é difícil manter a estabilidade:

1. Por pressão externa (força ou coerção Financeira).
2. Por falta de recursos internos (especialistas, Mineração, Engenharia Mecânica).
3. Do excesso de recursos e da tirania (relaxamento, ignorando a crise).

Como lembramos, o poder está sempre em crise (esse conhecimento deve fazer parte da ideologia). A falta de recursos internos e a pressão externa é a norma da política (o processo de implementação da ideologia). Como resultado, a tentação de afrouxar e tomar o caminho mais fácil está presente em uma base contínua. Portanto, o chefe de Estado deve ser um fiador da ideologia. O que podemos ganhar aderindo à ideologia? O trem viaja do ponto A ao ponto B. Se ele avançar com firmeza, o ponto B será alcançado. Se o trem vai para a seta, em vez do ponto B, ele chega ao ponto C, com o qual não concordamos. Se o trem parar e o maquinista correr para a cabine traseira, o trem volta. Daí a hipótese:

O fiador da ideologia é necessário para a ordem e o desenvolvimento econômico.

O fiador da ideologia deve ser uma pessoa autoritária com experiência em combate.



No século XX, os primatologistas se dedicavam à ciência na África: observavam e descreviam o poder. Descobriu-se que os chimpanzés (na organização das relações sociais) são os mais próximos dos humanos:

1. Existe uma hierarquia.
2. Enquanto o monarca for forte, eles o obedecem e vivem em paz.

Assim que o comandante-em-chefe começa a mostrar fraqueza (doente, envelhecido, imbuído de humanismo), ele é removido à força. Então eles escolhem uma nova cabeça e seguem em frente pacificamente. Até que os chimpanzés tenham crescido para a república e eleições democráticas. Mas nossos ancestrais também não tinham pressa: vamos supor que quando os chimpanzés atingirem o estágio republicano (a menos, é claro, que os matemos), eles chegarão à mesma coisa. As leis do poder são universais. O comportamento agressivo continua nos conectando com o reino animal. Ao mesmo tempo, a vida sexual está fortemente associada à manifestação da adrenalina (que sugere a cessação da reprodução quando a agressão é suprimida). Essa é uma pergunta para psicólogos e sociólogos: uma espécie se reproduzirá sem comportamento agressivo? A experiência com ratos que foram colocados em condições absolutamente confortáveis sugere a resposta.

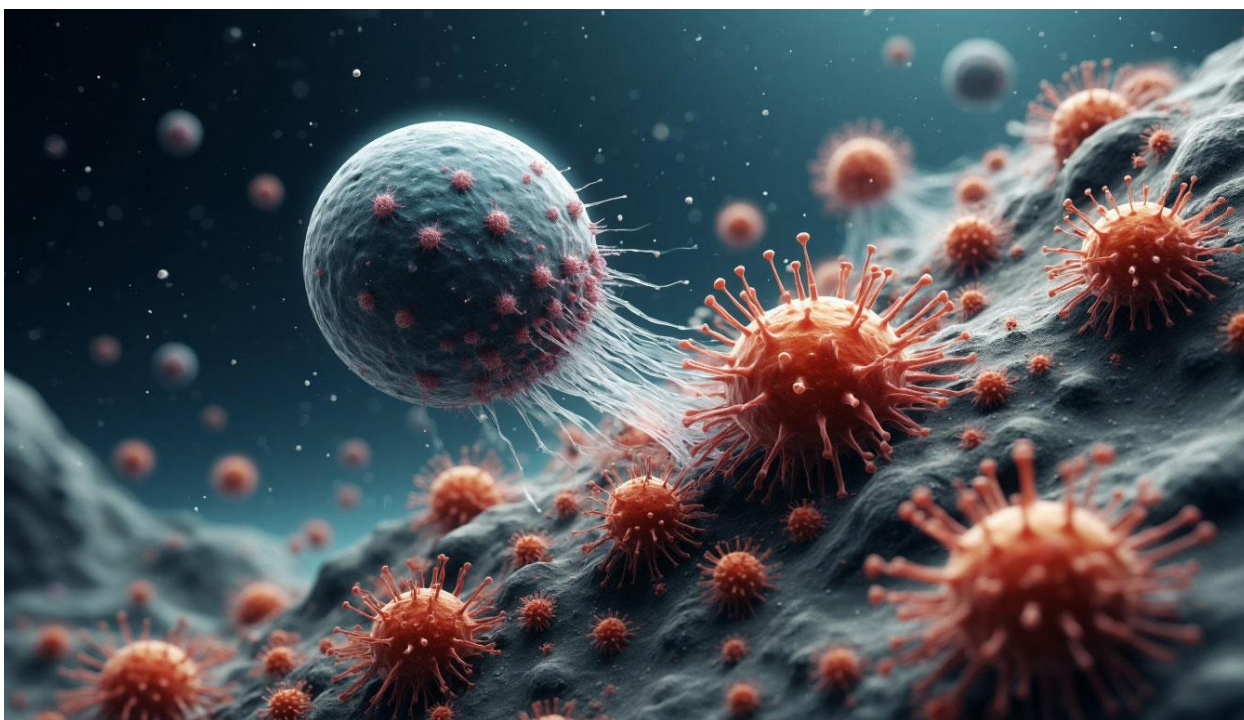
Devemos ignorar a base biológica do poder? Devemos brincar de democracia? Vale a pena imitar a consciência da sociedade? O ideal é que a teoria do poder esteja no currículo dos estudos sociais. Outra parte dos estudos sociais devem ser os estudos da família: as bases do poder são colocadas lá. A família é um modelo de sociedade. Os métodos de organização do poder na sociedade dependem da tradição de poder na família. Uma compreensão abrangente do poder requer não apenas a teoria do poder público, mas também estudos familiares.

Famílias com organizadores fortes tornaram-se clãs. Os clãs ancestrais desencadearam a fragmentação feudal, que foi completada por um forte guerreiro (o futuro monarca). No quadro de uma monarquia centralizada, as pessoas se acalmam, amolecem, acumulam conhecimentos sobre a vida pacífica e desenvolvem a vida urbana (um ambiente artificial e seguro). Como organizar adequadamente o governo em um ambiente urbano? Ainda não sabemos. Portanto, estamos escorregando para a fragmentação feudal (por exemplo, o colapso da URSS ou a atual crise do sistema do dólar).

As economias rurais podem ser centralizadas (monarquia) e descentralizadas (fragmentação feudal). O século XX provoca a hipótese de que a vida urbana também pode ser descentralizada (a experiência exitosa dos EUA) e centralizada (a experiência exitosa da URSS). Como identificar a diferença entre a organização de uma família em uma vila e em uma cidade: uma questão ainda mais difícil para os matemáticos da economia e da sociologia. Nossa tarefa é construir hipóteses. O triângulo de poder é uma das hipóteses baseadas em observações:

- 1. As pessoas respeitam a força porque têm medo da dor e da morte.*
- 2. Se as pessoas consideram a força sábia, obedecem voluntariamente.*
- 3. A submissão voluntária minimiza a luta pelo poder.*
- 4. A ausência de uma luta pelo poder torna a sociedade mais segura.*
- 5. Os indivíduos, a sociedade e o estado precisam de um inimigo externo.*

Um inimigo comum é um estado vizinho. Outros candidatos são vírus e meteoritos. Corpos cósmicos massivos que atingem a superfície da terra podem destruir toda a espécie (é possível que os dinossauros tenham tido tal destino). Os vírus são armazenados em nossos corpos, sofrendo mutações e matando milhões de pessoas (durante uma pandemia). Portanto, os inimigos da humanidade nunca terão fim.



Voltemos ao triângulo. Um ex-soldado deve ser responsável pela ideologia com a ajuda de grupos de especialistas (centros científicos) que desempenham o papel de pensadores. Um guerreiro sem pensadores se perderá na quantidade de informações e cometerá erros. Pensadores sem um guerreiro não serão capazes de realizar suas idéias: a tecnocracia é improvável porque os pensadores não podem proteger a si mesmos e suas idéias (como resultado). Os centros científicos, após análise, apresentam soluções específicas ao chefe de Estado, que produz a síntese. O comandante-em-chefe deve escolher uma solução que fortaleça a ideia, reduza a ameaça e acelere o desenvolvimento da economia.

Devemos partir de uma abordagem científica: a qualidade do exercício do poder depende da quantidade de conhecimento. Muito provavelmente, o poder (como tudo no mundo) é um processo cíclico. Uma análise correta da experiência passada e a verificação das hipóteses atuais fornecerão informações importantes. Devemos nos afastar da percepção do poder como um milagre: ouvi palavras bonitas, fui às urnas, votei e a vida melhorou.

A implementação do poder deve ser tratada por um especialista. É difícil preparar um especialista assim. Como uma pessoa pode ser ensinada a se associar ao estado? Como ensinar uma pessoa a ser um herói e se sacrificar pelo bem da sociedade? A observação sugere que o lugar certo para treinar um "estado humano" é a guerra. Um jovem vai para a guerra e sobrevive em condições extremas. Ele ganha experiência, remove coisas desnecessárias de sua vida e organiza uma equipe forte de pessoas de confiança. Essa pessoa tem uma experiência especial. Ele absorve a experiência de irmãos de armas que morrem por perto. Bem na frente dos meus olhos. No calor da guerra, um especial de deformação ocorre (máxima estabilidade mental, plena associação com o dever para com o exército e a sociedade). Além disso, é correto complementar a deformação profissional com treinamento em centros científicos: acumular conhecimento, familiarizar-se com os principais especialistas em vários campos. A única coisa que quebra essas pessoas é a falta de demanda após o atendimento. Você arriscou sua vida, mas não é mais necessário. Não podemos permitir a rejeição de pessoas que são o esqueleto da sociedade. É certo colocá-los no centro e cercá-los de especialistas.

Uma breve referência:

1. É conveniente representar a essência do poder na forma de um triângulo.
2. A política deve ser coerente com a ideologia.
3. A ideologia determina o sentido da vida da sociedade.
4. O estado é uma ferramenta para perceber o significado.
5. O chefe de Estado deve passar pela guerra e receber educação especial.